

Pedro e Filipe em momento feliz na varanda da nossa casa da praia, em Azurara.

## ESCOLA

**D**EPOIS das férias grandes, que em nossas Casas são de trabalhos dobrados, ansiamos pela acalmia que a reabertura das Escolas nos ofereceu, tantos anos!, e agora passa por um tempo de *suspense*. Que nos trará, de novo, o novo ano?... Se ao menos as velhas certezas de um começo efectivo na data marcada, lugares providos de professores, estes conhecidos e esperados, aulas a sério depois da «primeira que se não dá» como «se não recebe a última», segundo a tradição académica — bom seria!

Mas neste 1 de Setembro, o panorama do que irá ser em quase todos os níveis em que temos alunos, ou desejaríamos ter, está ainda envolvido em neblina que tanto pode dissipar-se em sol como em mais nuvens.

Desejaríamos ter «*ensino recorrente*» para uma meia dúzia de rapazes que acabaram agora a quarta-classe em idade avançada demais para a continuação em curso diurno. Desejaríamos um leque mais alargado de vias profissionalizantes para vários que terminaram o 6.º ano fora de idade e sem vontade de prosseguir estudos. Desejaríamos... mas as respostas estão ainda no segredo dos deuses. Daí o *suspense* — uma espécie de paz por não haver guerra, que não goza da propriedade de pacificar a gente.

Continua na página 4

## BENGUELA

# Nem tudo são ruínas!

### Ajuda mútua

**O** lugar onde estou a escrever as notas desta quinzena é a sala de estudo dos nossos rapazes. Está cheia dos alunos que frequentam as escolas lá de fora, que a de dentro leva-os só até à quarta-classe, por enquanto. Quem dera no próximo ano lectivo funcionasse já a escola nova, em fase de acabamentos, para a quinta e sexta classes. Seria para os nossos rapazes e para as crianças que nos rodeiam, até onde for possível.

Estamos em condições tais que a nossa ajuda escolar é imprescindível. Quantos garotos e meninas fazem a quarta-classe e vão-se para sempre! Outros e outras nem chegam ao fim deste ciclo. Sei que este fenómeno também pode acontecer noutros países mais evoluídos. Mas, aqui, são a maioria. Abandonam a escola. Queremos lutar contra esta situação. Por isso, continuamos com o apoio directo a estas crianças até, pelo menos, um nível escolar mais aceitável; é uma grande ajuda que lhes prestamos. O funcionamento da escola de 2.º nível, dentro das nossas paredes, vem ao encontro desta necessidade. Estou a falar dum projecto, ainda, que começa a ganhar forma.

Na sala de estudo, onde me encontro, quatro dezenas de rapazes fazem-me companhia, os quais, em silêncio, preparam as provas trimestrais, a ter lugar a partir de amanhã. É dos lugares mais apetitosos que me é dado viver. Estar com eles, sentirem-se acompanhados, viverem a experiência de que, quem fala e aconselha, vai à frente. Este é o lugar do educador. Este é o lugar do pai e da mãe junto dos filhos. Quantas desgraças! Quantos falhanços na vida das crianças porque os seus educadores não são *um* com elas! Acredito, cada vez mais, na verdade sentida e vivida por Pai Américo, quando diz: «Técnico é todo aquele que ama». Em qualquer ramo de actividade. E na Educação...? Falo-vos a partir da experiência vivida nesta manhã de domingo.

Ontem, sábado, estive em mais um encontro de pais e encarregados de educação; desta vez, alunos do pré-universitário. Ouvi coisas interessantes. Bem sei que, muitas vezes, não é por falta de conhecimentos que a vida não caminha. É por outras razões: falta de interesse, desleixo, desmotivação provocada pela falta de condições mínimas de ordem económica e social, falta de fé e esperança no futuro que tira razões de viver, etc.

Mais do que nunca, em condições como estas que nos é dado viver em Angola, é fundamental a colaboração entre os pais e a escola. Uma e outra parte precisam de ajuda mútua. São os professores que necessitam de carinho e da companhia dos pais dos alunos para se sentirem estimulados em seu trabalho; são os pais que precisam do interesse dos professores e do seu empenho para que o tempo escolar não seja perdido, ou quase, para os seus filhos. É curioso como senti isto mesmo, no encontro de ontem, sábado. A satisfação com que os participantes saíram da sala, apesar das notícias não serem de todo agradáveis, é o melhor testemunho da necessidade destes encontros, desta ajuda mútua.

Por outro lado, é também sinal de que há forças vivas que podem ser um «rasto», depositário da energia libertadora para Angola. Nem tudo são ruínas! Oh, não! Debaixo das cinzas da destruição material e humana, é verdade!, está o germen da Angola nova que queremos ajudar a construir. Este germen está no Povo e em todos aqueles e aquelas que, apesar dos tremendos problemas de toda a ordem, permanecem fiéis no seu posto de trabalho, dando tudo o que podem. Está, neste número, a multidão de professores que, abnegadamente, se sacrificam.

Ao olhar para as quatro dezenas de rapazes que tenho à minha frente, agarrados aos

Continua na página 3

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# Sempre à espera

**J**Á por lá passei várias vezes. Vai esperando *com paciência*. Ficou viúva muito nova, com dois filhos para criar. Uma menina que estuda e é boa estudante; e um rapaz que não tinha lugar decente junto da mãe, foi viver para casa da namorada. A mãe é muito doente e vive com a filha num casarão em ruínas que um senhor da terra lhes cedeu e agora insiste para que o deixem livre, para obras.

O grupo Cáritas da freguesia já começou a construção duma casa para essa família, mas essa acção é nas horas vagas e levará muito tempo. O terreno foi oferecido por pessoa da terra. Uma grande prova de partilha de bens e um bom testemunho para todos.

Continua na página 2



Habitação esburacada onde vive uma família

**Conferência de Paço de Sousa**

**OZANAM** — Em 25 de Junho, o Santo Padre assinou o Decreto de Beatificação de Frederico Ozanam — fundador da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Deste modo, aos olhos do mundo recebeu «o prémio da sua santa vida, ao fim dum processo que começou há 71 anos».

Quantas ruas e avenidas abriu ele, na alma de inumerável multidão de voluntários — os vicentinos — desde que soprou à equipa de companheiros de então, com força d'alma, o complemento directo de tudo o mais: — *Vamos aos Pobres...*

**CASAS PARA OS SEM CASA** — Em nosso País, com sapiente intuição divina, e como voz dos sem voz, Pai Américo foi pioneiro demonstrando crua e impetuosa necessidade de casas para os sem tecto, sobretudo para os mais carentes.

Já na década de trinta ele testemunhou misérias neste capítulo, comungando o problema dos abarracados de Portugal que guardou *activamente* na sua alma até corporizar, na década de cinquenta, toda a ansia incontinente de amor e justiça com o lançamento do Património dos Pobres que motivou mil comunidades paroquiais em todo o País. Curiosamente, só desejaria construir algumas moradias, poucas, como seu legado aos Pobres... Deus escreveu direito por linhas tortas!

Esta acção foi caminho aberto para muitos homens de boa vontade que o quiseram trilhar, por amor aos Outros, dando guarida a milhares de pessoas que usufruem dum tecto motivado pelo bafo santo dum Padre-Pai, ministro do Senhor, que se fez pobre por amor aos Pobres.

Vem isto a propósito da oportuna alocução de João Paulo II à *II Conferência da Organização das Nações Unidas sobre os Povoamentos Humanos*, realizada em Istambul, também no mês de Junho. Pois concluiu «com a afirmação unânime do direito à casa para toda a pessoa humana com a própria família» — acentua o Papa. E continua: «Trata-se dum resultado a saudar com satisfação. Ele faz esperar que esta aspiração natural do homem, já tutelada por precedentes declarações e empenhos internacionais, seja posta cada vez mais no centro das preocupações de todos os Estados».

Com efeito, não seria lícito a ninguém — menos ainda à autoridade pública, responsável pelo bem-comum — ignorar o drama de tantas pessoas e de inteiras famílias constrangidas a viver na rua ou a contentar-se com refúgios aleatórios e inóspitos. É triste, depois, que tantos jovens, pela dificuldade de encontrar casa, e muitas vezes também pela falta ou precariedade do trabalho, devam adiar por muito tempo o seu matrimónio ou até renunciar a formar uma família. Seja bem-vinda, então, esta renovada expressão de consciência ética e jurídica internacional que, enquanto afirma o direito à casa para todos, ressalta também a sua estreita conexão com o direito a constituir uma família e a ter um trabalho adequadamente retribuído».

**PARTILHA** — Assinante 14493, do Porto: «Lembrando as férias e tendo pena de não poder, nesta altura, mandar mais — aqui vai a costumada

# Pelas CASAS DO GAIATO

*contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus referente ao mês de Agosto e algo mais para juntarem a outras ajudas, que tão necessárias são, por dificuldades que tantos estão a passar».*

Um cheque do assinante 20909, de Leça da Palmeira: 20.000\$00. Carminda e Maria, de Matosinhos, 6.000\$00.

Mais o cheque, habitual, da assinante 57002, da Senhora da Hora, «pequena oferta, de Agosto, a ser distribuída como melhor entenderem». A ajuda fraterna é assim mesmo!

Aí temos a «*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal, com «*a migalhinha de Agosto (3.000\$)*» e com pena de não ser maior a importância para as aflições a que têm de acudir».

Nisa: «*Velha assinante e amiga de há muitos anos!*» envia «*500\$00 que casal amigo pediu para mandar*» — disse. E continua: «*É pouco, mas dados com muito boa vontade, no dia em que um deles fazia 85 anos*». Parabéns!

Assinante 3107, Rua Rodrigues Cabrilho — Lisboa, mais um cheque: «*Peço desculpa do meu grande silêncio, mas não quero dizer esquecimento*». Até por que «*vos tenho sempre presentes nas minhas orações*» — que, para nós, são uma fortuna incomensurável! Deus lhe pague.

Mais 5.000\$00 da assinante 25037, de Paço de Arcos, «*pequena ajuda oferecida com muito amor*». Aqui o seu valor.

Registamos o óbolo mensal da assinante 31104, de Lisboa, que solveu também livros da Editorial com «*o cheque da minha devoção*», acentua, levando tão alto a sua intenção!

Assinante 26306, do Porto, oferta «*para alguma família, dessas que todos os dias clamam ajuda. Estou a atravessar um momento de grandes preocupações, mas lembro-me que mesmo assim são uma gota num mar de almas ainda mais aflitas*». O sentido dos Outros!

Mais dez mil, de «*Velha Amiga dos Gaiatos*» — Figueira de Castelo Rodrigo. E metade do assinante 8632, do Porto, perorando orações — por sua esposa, até pelos bisnetos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**ESCUTEIROS** — Há dias esteve cá um grupo de escuteiros franceses.

Os nossos rapazes divertiram-se muito a falar francês. Assistiram aos fogos do conselho e outras coisas mais.

**PRAIA** — Os rapazes do terceiro turno regressaram morenos e alguns com saudades da Casa e dos seus amigos. Agora só há praia para o ano que vem...

**DESPEDIDA** — O Bruno Filipe e o Júlio foram levados

pela mãe, não sabemos bem porquê. Ela veio cá falar com o nosso Padre Carlos, mas não estava. Por isso, não tinha ordem para os levar.

**MILHO** — Está muito alto. Agora só falta colher as espigas ou ser ralado na máquina de ensilar para alimentação das vacas.

**CARAS NOVAS** — Recebemos mais duas caras novas: o Tiago, do Porto, com 8 anos, e o João, de Abrantes, com 14 anos. Eles dão-se bem com a malta e já conhecem tudo isto.

**PARTIRAM** — O Francisco, o Domingos e o Frederico partiram para sua casa. Eles vieram cá passar férias, enquanto não começam as aulas.

Esperamos que estudem e tenham boas notas. Boa sorte.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

## TOJAL

**FÉRIAS** — Terminaram e o trabalho começou. Cada qual regressa à sua velha ocupação, cheios de vontade de trabalhar.

**OBRAS** — Continuam por todo o lado: na sala de estudo, no rinque, no palácio e, agora, no velho muro que cerca a nossa Casa.

**COLHEITAS** — Acabou a do feno e da batata. Só falta a do tomate que, pelos vistos, renderá muito.

**AULAS** — Estão quase a começar. Esperamos que as notas dos rapazes sejam melhores do que as do ano passado.

Arnaldo Santos

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — Nas obras da sala de jantar já colocaram os azulejos na parede e falta pôr a tijoleira no chão.

**GADO** — O vitelo da «branca de neve» também teve que ser morto, porque, sem cura, a doença fazia-o sofrer.

Abatemos mais uma porca para o almoço de domingo.

**HOSPITAL** — Dois rapazes foram internados no Hospital para serem operados. Um, a uma vista. Outro, à apendicite. Desejamos boa sorte e felicidades.

**MILHO** — O milho não tem ponta e também já lhe tirámos a palha.

As terras dos sem ponta são a do «poço novo» e uma parte da «dos grilos».

**LAR DE COIMBRA** — Só falta mais ou menos duas semanas para começarem as

aulas. Alguns querem que principiemos rapidamente; outros, um bocadinho mais tarde para brincarem mais tempo...

João «Pequeno»

## BENGUELA

**DESPORTO** — Amigos e amantes do desporto: O equipamento que a gente esperava, acabou por chegar, graças a Deus. Infelizmente o mínimo, porque as outras coisas foram roubadas antes de aqui chegarem. A oferta é da Embaixada de Portugal em Angola. Estávamos contentes, mas acabámos por ficar só com um bocadinho. Vamos ver se a Embaixada ajudará no que foi roubado.

A propósito do equipamento: efectuámos um jogo que serviu de inauguração, realizado no nosso campo. Convidámos o nosso Padre Manuel, as senhoras, os amigos e amigas do Lar de Santa Paula. Uma partida difícil, no primeiro tempo, porque os jogadores não estavam nos lugares que lhes pertenciam. Na segunda parte tudo mudou. Resultado: 4-0 a nosso favor. Esta vitória alegrou toda a nossa gente. Quando se ganha, é festa para a equipa e para os adeptos. Foi o que aconteceu connosco.

Luourenço Sapalo

**OBRAS** — Está construída quase toda a nova escola. Só falta pôr as portas e janelas e acabamentos por dentro. As janelas e portas também já estão prontas na nossa oficina de carpintaria. Esperamos que seja uma escola bonita e entre brevemente ao serviço.

**AGRICULTURA** — Estamos contentes porque o milho está bom. O nosso Padre Manuel avisou para não o tirarmos para assar. Precisamos dele todo para nova sementeira.

O tomate está bom, mas há meninos atrevidos que o vão buscar ao campo... Esperamos uma boa colheita para comermos e... vendermos.

Iniciámos a colheita da batata doce, ótima para as nossas refeições. Gostamos também muito da outra batata, mas não temos semente...

«Nelito»

**ESTUDANTES** — Os nossos estudantes, às vezes, não se portam bem. Alguns têm más notas. Outros, muito boas. Eu não tenho tido más notas porque ponho a minha inteligência a render. Nós, os gaiatos de Angola, temos a certeza de que conseguiremos levantar esta terra subdesenvolvida. Temos que aproveitar muito bem os estudos para Angola contar connosco. Quem sabe se da Casa do Gaiato poderá sair um cientista, um engenheiro de pontes, de construção, etc.? Por isso é que o nosso Padre Manuel nos obriga a estudar para podermos reconstruir Angola.

«Toni»

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Tornamos à vossa presença para darmos testemunho da nossa actividade. Neste período de férias, a crónica tem falhado um pouco, mas contamos pô-la em dia, com muita força e muito amor, para nos darmos a todos aqueles que estendem a mão a pedir socorro.

Neste período de silêncio perdemos a nossa velhinha de 90 anos — a sr.<sup>ª</sup> Deolinda. Sempre que a visitávamos dizia que rezava o Terço por nós e pelos benfeitores. Bem hajam corações como este, e Deus a tenha no Céu.

O nosso amigo Joaquim está cheio de problemas com o filho de 16 anos. Tem o Ciclo Preparatório completo, mas não quer continuar a estudar. Então, sugerimos que arranjasse emprego para evitar o tempo livre e não fazer asneiras. O pai pediu a nossa ajuda e aqui fica o apelo: Ele tem vontade de aprender mecânica. Vivem em Contumil — Porto. Por isso, se alguém tiver uma oficina e queira ajudar este jovem, ficaremos gratos.

Já dizia o Apóstolo: «Contra a Caridade não há lei». Podemos amar a Deus e aos Pobres, e a Deus através dos Pobres sem perigo de errar.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Assinante 12313, cheque de 3.000\$00. Anónimo, 2.000\$00. Isabel, 10.000\$00. J. R. D., 2.000\$00. Assinante 9217, 10.000\$00. Amiga M. Fátima, cheque de 50.000\$00.

Agradecemos. Bem hajam todos.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

## Antigos Gaiatos de Malanje

**ENCONTRO ANUAL** — Já não precisamos de localizar no mapa um Continente sem guerra. Religiões, culturas, raças — sinónimos de guerra. Não há necessidade de enciclopédias nem de dicionários.

Através de relações sociais podemos definir que a educação do homem é igual em todo o mundo. Com amor o homem pode alcançar a paz e a unidade; com o ódio apenas alcança a destruição e a morte.

Os nossos encontros anuais têm como tema a paz para Angola e Moçambique. Mas não podemos continuar apenas nesse sentido; temos que olhar mais longe para nos apercebermos de que caminhamos para a fome e morte dos inocentes...

Para veres e sentires a «onda» da paz, às 11 horas de 21 de Setembro aparece na casa de praia de Azurara (Vila do Conde) com os teus familiares e o ambicionado farnel para primeiro petisco. No jantar do dia 22 somos todos cozinheiros e não tememos os grandes restaurantes.

Queremos que este encontro, a exemplo do ano anterior, tenha a presença dos nossos «antigos» amigos da Casa do Gaiato de Malanje. Assim a «brisa» levará mais amor até aos nossos irmãos, ao Padre Telmo e Padre Manuel Kalemba, na aldeia do Culamuxito.

Manuel Fernandes

# Património dos Pobres

Continuação da página 1

**ONTEM** passei noutra aldeia. Informaram que já tinham começado a construção da casa; mas ainda não. Apareceu logo a dona a dizer que seria em Setembro.

A dona é uma mãe com três filhos menores, um deles deficiente, separada do marido — um incompetente. Herdou velha habitação dos pais que já estava em ruínas e acabou por desabar. Ficaram a viver numa palhota dentro da que foi habitação. A paróquia tomou conhecimento e movimentou-se, conseguindo uma colecta para as obras. Parece que agora está tudo preparado e há esperança de que comecem e só terminem quando estiver pronta.

No começo da campanha escrevemos ao pároco da freguesia e repetimos a voz de Pai Américo: «*Cada freguesia cuide dos seus Pobres*». É um dever que todos têm, especialmente os cristãos. E aquela aldeia é uma aldeia cristã.

**VOLTEI** àquela rua antiga da vila. Lá estava sentada ao sol aquela velhinha de noventa e quatro anos. Ao lado, no meio de velhas habitações, o seu casebre com aspecto desolador. Os adobes das paredes a desfazerem-se pelo salitre. O telhado já muito remendado. Dentro, a pobreza de sempre, embora muito limpinha.

Conversámos. — *Olhe, apetece-me pouquinho comer. Isto já está por poucos dias. As minhas filhas tratam-me da casa e da roupa. Quero aqui passar os meus últimos dias. Sempre aqui vivi. É a minha casinha. Quando morrer é para deitar abaixo e neste lugar irão construir de novo.*

Sempre à espera, com paciência.

Padre Horácio

# PASSO A PASSO

## Berlinda e televisão

É noite. O jantar terminou. Impõe-se a obrigação de escrever, a propósito e a despropósito.

Lá fora os rapazes fazem rolar os berlindes segundo regras que nunca aprendi. O jogo não escolhe idades. Não há camadas etárias. Todos os que querem, participam. Ainda não tinha dado conta, no passado, do grande entusiasmo dos rapazes por jogo desta classe. É bom que isto aconteça.

Eles empenham-se. Entusiasmam-se. Perdem a noção do tempo e do espaço, centrando todas as suas capacidades no berlinda que vão lan-

çar para o fazer carambolar naquele que querem ganhar.

— *Tenho já dois quilos de berlindes que ganhei!*, sorria o «Peixinho», apontando os seus troféus.

— *Este é o ganhador*, mostrava-me o «Azeitona» na sua mão espalmada cheia de pedras transparentes e coloridas uma especialmente reluzente.

Admiro principalmente, para além do movimento e da alegria reinante, a entrega que o jogo provoca. Entrega activa, criadora de sonhos que vão nascendo para de imediato se concretizarem ou se desvanecerem. Deste modo, a vida acontece.

Bem diferente é a experiência de outros mais, pre-

tos a vidas fictícias cujos enredos não podem orientar. São os dependentes de telenovelas. Quase sempre atentos a aspectos superficiais que o mediatismo da televisão tornará importantes e talvez, em certos momentos, fundamentais. E nos intervalos, sempre se fazem escolhas e se afinam gostos, como quem ri, pois o que é preciso, é saber dar de comer a palha ao burro.

Tenho-me interrogado muito sobre o valor actual do aparelho chamado televisão para os nossos rapazes. Que aproveitam eles para a sua educação e formação desta caixinha, que só é mágica cada vez mais para o lado negativo da vida? Que frutos

nascerão e já estão a amadurecer naqueles que não têm capacidade crítica de a usar?

Noutras famílias, que não na nossa, sabemos que quem manda é a televisão. É a autoridade máxima familiar. E, para que seja omnipresente, está instalada em todas as divisões principais da casa. Ela chama os membros da família a horas certas para a escutarem, sob pena de castigar os faltosos criando-lhes um vazio angustiante.

Certamente que por aqui não vamos pelo caminho certo. É preciso pois redescobrir aquilo que engrandece o homem e o distingue das outras criaturas: a capacidade de produzir. Consumir, só na medida do necessário e suficiente, nunca como modo de buscar o encontro consigo mesmo.

Padre Júlio

## DOCTRINA



Mais, mais, mais  
— *maná celeste.*

(...) **G**RADE revolução tem feito, em Montemor-o-Novo, a leitura do livro *Pão dos Pobres!* Tem aberto arcas e cofres e algibeiras; e as palavras que acompanham as ofertas, trazem sangue do coração!

**M**AIS uma pancada de feijão, milho, azeite e carne salgada. Mais duzentos e cinquenta, de Lisboa; e mais mil, do mesmo sítio; e mais cinquenta, da Marinha Grande; e mais cem, na rua; e mais dois, idem; e mais mil, da capital; e mais, em Coimbra, seis de cinquenta «para balas de ataque à miséria»; e mais cem, na rua; e mais cem, numa loja; e mais roupas da capital; e mais cinquenta, em casa; e mais, na rua: — *Você é que é o Padre Américo?* — Sou, sim senhor. — Tome lá. — Muito obrigado.

**M**AIS trezentos escudos dentro de um envelope e mais vinte ditos «para amêndoas». Sim; também aceito dinheiro, mas gostaria infinitamente mais de ver, este ano, como nos outros, as caixas e os cartuchos de amêndoas que tu usavas comprar e colocar nos sítios do costume, endereçados à minha humilde pessoa. Havia mais gosto, melhor vontade. A tua oferta trazia algo de ti mesmo. As amêndoas eram irmãs das dos teus filhos. Este ano não foi assim — e tenho pena!

**M**AIS um cesto de doces de Oliveira de Azeméis, de alguém que *seguramente* tem ouvido a voz e conhece o Mestre. Recebi o cesto no Domingo de Páscoa. Como tenho agora casa que é o Lar do ex-Pupilo, no n.º 18 da Rua da Trindade, em Coimbra, nesse dia, por ser de festa, bateram à porta muitos Amigos. Alguns dos mais dilectos do Senhor, subiram à sala de jantar e eu servi bolos e café. — *Ai meu senhor, que a gente nunca pôs os dentes em coisa tão rica!*

**S**ERVI igualmente aos rapazes do Lar, dos deliciosos bolos; e fiz o mesmo aos miúdos da Casa do Gaiato. Os habitantes das taras e misérias sociais, património da Nação e dilectos de Jesus. Por isso a sua vontade foi respeitada e a receita religiosamente cumprida: «*Que estes doces, feitos com tanto amor, sejam nas suas mãos hóspedes de consolação para os pobres Membros doloridos de Jesus que eu tanto amo*». A cesta vazia é hoje entregue na garagem. Oh, seguramente, dizia eu, tem ouvido a voz do Mestre quem tanto faz e diz coisas assim.

*O. Américo!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## TRIBUNA DE COIMBRA

### Gestos que são expressão de amor fecundo

São centenas, e milhares até, as moedas recolhidas durante os nossos peditório-

rios. Cada ouvinte dá conforme pode, que nós contamos tudo até ao simples escudo.

Obviamente a separação das ditas é um trabalho monótono e fatigante. Que o digam «Zé Pinóquio» e o

Miguel, destacados em vários serões para a dita obrigação.

Apareceram duas alianças brilhantes na separação das do último peditório. Envolvidas na semelhança do outro metal, quase passavam despercebidas.

Uma era branca e a outra amarela. Ambas de ouro — que a marca não atraiçoa. Pela inscrição do nome e data, ambas são da mesma pessoa e se referem ao mesmo casamento, evocando uma delas as bodas de prata matrimoniais.

Se fosse só o valor do ouro, o assunto não seria para aqui chamado. Mas afeitos conforme estamos a acolher filhos da «geração espontânea» e com eles formar família, este gesto toca-nos profundamente. Ao Terço bem desejei transmitir-lhes em palavras o verdadeiro valor desta oferta. A certa altura, porém, percebi que

falava de coisas estranhas e elevadas... O amor não é assim tanto, mas a sua experiência sim; essa passa pela vida e toca o coração.

Calei-me. Percebi que os olhos de muitos nunca testemunharam as tais alianças. Não entendiam o significado. Tinha-me entusiasmado. Algo é certo: este gesto exprime uma grande amizade por nós e sobretudo o despreendimento de si mesmo que representa.

Nunca esqueceremos que tais gestos são expressão de amor fecundo, sofrido. O tal que faltou na geração destes filhos e que maravilhosamente estas alianças expressam.

Padre João

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto: 71.650 exemplares.

## Vistas de dentro

### A luta pela vida

NA longa caminhada daquela manhã, entrei numa estufa com tomates cultivados e sentei-me num caixote a descansar os pés. Comecei a observar escaravinhos no chão, cada um à procura de alimento, mas o terreno era de areia, daí o seu vai-vem contínuo.

Vi que um deles caiu numa pequena poça e ficou de patas para o ar e as asas abertas impossibilitadas pelo corpo. Começou a luta para se virar. As patitas começaram a mexer com todo o esforço a puxar grãos de areia para fazer um pequeno monte debaixo dele. De tempos a tempos, sem perder o movimento das patas, procurava abrir as asas — sem o conseguir. Só passados muitos minutos de luta conseguiu sair do precipício.

Começou a andar lentamente e tombou noutra poça. Lutou mais uns minutos e conseguiu sair. Com sinais de forças esgotadas, continuou a caminhada. Ao chegar junto duma pequena barra de ferro, colocada ao alto, começou a subir e conseguiu chegar ao cimo. Aí ficou parado. Venceu!

Ao observar este quadro de luta pela vida do pequeno insecto entrou no meu espírito a luta pela vida humana. Quanto esforço! Quantos precipícios!

Imaginei o quadro dos *vencidos da vida*. Vi o desânimo dos preguiçosos. Vi também a coragem dos que lutam e conseguem chegar ao cimo. A vida é um dom. E, para o crente, um dom de Deus. É necessário estimá-la e conservá-la.

Fez-me bem o testemunho da luta pela vida daquele banal escaravinho.

Compreendi melhor o pensamento do filósofo William James: «*Eu não sei se a alma continuará depois da morte, mas quanto mais envelheço mais acredito na Eternidade. — Porquê? — Porque quanto mais envelheço, mais me sinto preparado para viver.*»

Padre Horácio

Continuação da página 1

livros e aos cadernos, estou a beber na fonte de esperança do futuro da nação. Mas, os outros? Eles são a maioria, sem escola, sem professores, sem educadores. Que ninguém se feche no seu mundo. Temos que fazer mais com a vossa ajuda, pois sem ela ficamos paralisados.

### A necessidade dum berçário

A Igreja tem a seara do trigo loiro pronto para a colheita. Ninguém a pode substituir no seu campo próprio que é o *homem todo*, desde o nascimento até à sepultura. Esta é uma grande hora da Igreja para a reconstrução humana da Angola nova.

Já aqui falei dum sonho que desponhou no terreno, mas que não avançou

## BENGUELA

porque lhe faltaram algumas condições inquietantes. Temos uma centena e meia de mães de família a trabalhar connosco, a fim de lhes não faltar o pão mínimo para viver. Elas são pela cultura da vida. Têm os seus filhos; normalmente, muitos. Não podem viver sem eles. Seriam inúteis, ou, pelo menos, não realizadas. E têm de estar pertinho de si. Quem dera, pois, que o sonho dum berçário para os filhos delas pudesse ir para a frente. Mas, quem vai tomar conta? As mães dão a sua ajuda; mas quem as orienta? Não há dúvida que é um trabalho lindo e sedutor para uma ou mais jovens

mulheres que tenham o coração para dar. Ele há, nesta terra, muitas comunidades religiosas e muitas vocações femininas, graças a Deus. Mas, ora porque estão a formar-se, ora porque não têm inclinação para um serviço desta categoria, ora, ora... Quem dera que a mulher que recebeu o Baptismo e quer levar a sua vocação baptismal até ao fim, mesmo sem hábito, nem constituições, nem cursos, mas com um coração de mãe para amar, se deixasse tocar pelos gemidos destas crianças. Quem dera! E estivesse disposta a dar a vida por estes filhos. Assim, o berçário ou coisa semelhante podia sair do sonho e ver a luz do dia e andar para a frente. É a presença da Mãe Igreja que nada nem ninguém pode substituir. Quem dera!

Padre Manuel António

# Cartas

## Inquietação sacerdotal

Vou acompanhando o vosso trabalho para o qual peço as bênçãos de Deus.

Envio esta importância para os livros que recebi — «Um grande educador...» e «O Calvário».

Quero ler estas páginas cheias de doutrina e abrir o meu coração aos que sofrem, pois me encontro na mesma caminhada.

Após 43 anos de vida activa como pároco, agora fui chamado para uma fase de apagamento.

Vivo num Lar, onde ajudo no que posso e partilho das horas boas ou difíceis das utentes.

O GAIATO vai dando notícias dos sofrimentos de muita gente.

Quero partilhar dessa cruz.

A Obra da Rua tem um vasto campo de trabalho e Deus muito ama quem O serve nos irmãos.

Sempre convosco.

Assinante 4154

## Leitores

### há cinquenta anos

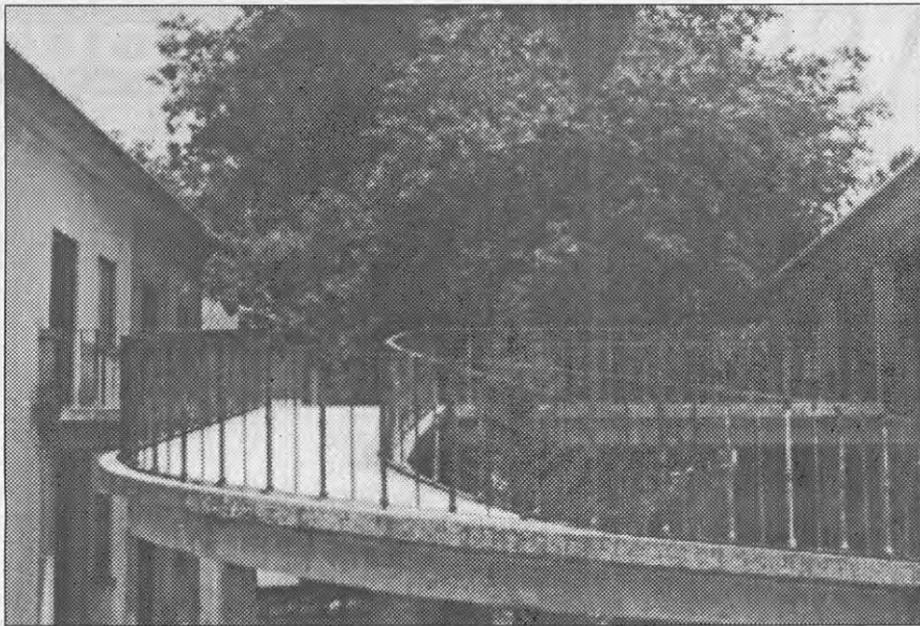
Vai um cheque para O GAIATO e o mais que queirais. Minha mulher e eu somos leitores desde o nosso casamento que há poucos dias comemorou 50 anos, 10 filhos e 27 netos (um no Céu). Ajudai-nos a dar graças a Deus.

Assinante 7261

## PENSAMENTO

Senhor Jesus — Eu não troco por nada deste mundo a suprema ventura de curar com panos de linho os Membros doentes do Vosso Corpo, considerados sem cura!

PAI AMÉRICO



CALVÁRIO

# Carvalha secular

FRONDOSA e activa está aqui no Calvário desafiando os séculos. E parece não ter vontade de murchar e secar.

A ti Justina, filha dos caseiros de outrora, e que veio a ser recebida no Calvário, doente e já na casa dos oitenta anos, dizia-me ser ela já assim quando em pequena brincava à sua sombra extensa e fresca.

Esta carvalha com alguns séculos de existência, junto à rampa de acesso aos pavilhões dos doentes, é realmente um monumento entre nós.

Conheceu condes, nobres, fidalgos de outras eras, abrigou aves em seus ramos, produziu bolotas que semearam a nossa mata de outras carvalhas — as árvores naturais e mais belas nestas terras de Entre-o-Douro-e-Minho.

Gostava que a carvalha falasse dos tempos idos, pois muito teria para nos dizer. Ela, que conheceu tanta gente nobre, hoje deve estar contente em sombrear a varanda dos doentes que outra nobreza ostentam — filhos queridos do Pai Américo.

Ora, a carvalha secular deixou que um pássaro lhe escavasse um orifício no tronco. Todos os anos ali vem fazer ninho. Já lhe conhecemos os hábitos.

Outro dia, a Fátima, na varanda do pavilhão, olha atenta e diz-me:

— *Eles são com'a gente. Metem o comer na boca dos filhos.*

Um passarito escuro, num galho saído do grosso tronco, traz comida na boquita. Os filhos de bico aberto esperam o alimento.

E a Fátima entra aqui em termos de comparação:

— *Eles são com'a gente.*

É que ela também todos os dias tem a tarefa de meter a comida na boca da Tina sentada numa cadeira de rodas. E vem aqui aprender o jeito de o fazer, melhor, o amor e a delicadeza com que deve fazê-lo.

Os técnicos nunca se lembrariam deste tipo de ensino. Eu gosto e muito. É o mais natural, o mais didáctico e o mais convincente.

Um passarinho perdido nas folhas duma carvalha a dar lições de bem alimentar os filhos! «*Eles são com'a gente.*»

Muitos destes doentes nunca tiveram ninho acolhedor em criança, nem souberam o que é receber leite dos peitos ou comer da mão das mães. Por isso, procuram na Natureza o modo de o fazer. A Natureza é Mestre. Assim nós fôssemos seus bons discípulos que muita coisa andaria mais direita!

Cristo bem o sabia e por isso chamou várias vezes a nossa atenção para as coisas simples da Natureza. Foi ali buscar muitas das Suas parábolas, muito do Seu ensino. Mas nós andamos por outros caminhos, por outros voos e, talvez por isso, não encontramos, por vezes, as soluções adequadas para o nosso viver.

Fiquei a gostar mais daqueles passarinhos, depois que os vi, de novo, este ano. Mas a carvalha já há muito se delicia em os ver.

Padre Baptista

# ESCOLA

Continuação da página 1

A Escola Primária que devia ser só para vocacionados, mormente a nossa, com o poder efectivar-se e desactivar-se quem quer sem sermos vistos nem achados, sujeita-nos a uma instabilidade crónica, mais uma entre tantas de que vêm sofridos os nossos rapazes.

Neste desfile de agregados, passaram alguns que deixaram e levaram saudades. Mas que fazer, se a roleta é cega e em cada ano os joga para outros sectores?! Quem nos dera uma Escola com professores para muitos anos, como já tivemos! E não será também por isso que os resultados se viam, com três turmas apenas, como agora não, com sete? — e a população escolar é a mesma!

Que os resultados do ano lectivo passado, *estatisticamente*, foram bons; *realmente*, bons demais! Mas neste ponto, pior, nos níveis superiores.

A Escola Primária, entre nós, ainda funciona com alguma austeridade e exigência. Mas depois, fuge-nos... e a *legalidade* dos critérios produz passagens irrazoáveis em que não temos intervenção. De alguns que irão frequentar o 7.º ano, senti o dever de prevenir a nova Escola da sua fraca preparação; deixei endossada à Telescola qualquer possível queixa sobre «falta de bases», que lhe cumpre justificar. Não que espere a consumação do endosso porque esta permissividade de critérios continua até ao termo da escolaridade obrigatória, a que muitos têm acesso com um nível de conhecimentos confrangedor.

## Este é o drama que nos aflige

Este é o drama que nos aflige: uma Escola mais virada para a Estatística do que preocupada com a Verdade da sua missão: ministrar cultura, preparar competentes, formar honestos trabalhadores — o que só se consegue com disciplina e exigência.

Desde que me conheço, ouvi falar da mancha humilhante do analfabetismo e de alguns esforços para a erradicar. Será possível esta erradicação só por força de lei que obriga à frequência *material* de nove anos de escolaridade? E se, ao fim deles, se permanecer em estado de quase analfabetismo — que se lucrou?, quem lucrou? Em termos de conhecimentos, de competência e até de seriedade, que se pode esperar de alunos que foram arrastando anos reprovados em três disciplinas e passando mesmo assim?!

E os custos de uma Escola dilatada sem contrapartidas do rendimento que logicamente seria de esperar? Será que o Povo que paga a Escola, se apercebe das condições precárias desta sementeira para tão fraca colheita?

São interrogações angustiadas que nos pomos, nós, pais de muitos filhos a lançar na vida, habituados muitos anos a contar com a Escola como um bordão precioso, e agora sem vermos claramente o que dela podemos esperar.

Li, ainda não há muito tempo, a opinião de uma Personalidade da área da Educação (que pena não me lembrar agora de quem!) de que o Ministério devia dirigir prioritariamente as suas atenções ao Ensino Básico e — quem dera! — à resurreição do Ensino Técnico Profissional. Na verdade o Sistema não goza de boa saúde; o edifício mostra as suas fendas. Não é dos alicerces que há-de partir a consolidação?

Oxalá que assim seja. Que em lugar de tanta polémica reinante no espaço da Educação, se concentrem esforços na preparação conscienciosa de um futuro mais fecundo para as crianças e jovens de hoje, do que é possível antever no estado actual do Sistema Educativo.

Padre Carlos

## Férias

TERMINARAM. Delas resta alguma alegria pelo tempo de descanso e sádia convivência com o mar e a floresta. Alguns aproveitaram para colocar o sono, os jogos, os vídeos em dia. Aqueles que pela primeira vez, tiveram a praia e a piscina vinham-me contando os progressos nas artes de se movimentarem na água. Também este tempo de Verão trouxe mais uma vez ao cimo algumas cabeças quentes que aproveitaram para fazer o que não devem. É tempo de sal e água salgada a encher-nos a vida. No espaço, às vezes de uma hora, passamos várias vezes pela alegria e pela dor, num caldeamento incrível que não nos deixa adormecer.

Estas férias provaram também, mais uma vez, as nossas carências de recursos humanos. As pessoas disponíveis multiplicaram-se e o cansaço surgia aqui e ali. As noites passadas a correr não eram suficientes para se recuperar e o novo dia começava já com algum déficit de energia.

# ENCONTROS em Lisboa

Olhando para trás, dou com os olhos no meu Cristo mutilado, sem pés nem mãos, em cima da minha secretária. Começamos a conversar. Pergunto-Lhe pelas mãos e pelos pés. As respostas não surgem. Continua à espera que tu e eu sejamos os pés e as mãos. Penso que temos Cristos demasiado perfeitos nas nossas Igrejas e os cristãos ficam tranquilos diante dessas perfeições. O meu, aquele que os meus miúdos me deram e que acharam no campo, não tem a perfeição, está sem pés e sem mãos. Quando os miúdos me deram esse Cristo nem sabiam que me estavam a dar um enorme incentivo e também a provocar um enorme desafio. Acasos da vida que acontecem. Quanto gostaria que outros cristãos, homens e mulheres, sem especiais credenciais, pudessem também participar nesta aventura de se tomarem, junto destes nossos rapazes, os pés e as mãos de Cristo.

## Peditórios

Lisboa desde há muito tempo tem sido assolada por peditórios em nome da Casa do Gaiato. Durante muito tempo era junto do Jardim Zoológico, Hospital de Santa Maria, Amoreiras e Centro Comercial Apolo. Também pelo Rossio e Avenida de Roma. Apresentavam uma estampilha ou esferográfica. Pelas descrições que nos fizeram pareceu-nos identificar três grupos. Um constituído por três senhoras, vigiadas à distância por um cavalheiro de meia idade. Um segundo era constituído por jovens a soldo dum senhor que também vigia os movimentos. Um terceiro grupo será uma senhora acompanhada

por um cavalheiro, os dois já passando a meia idade e fazendo o discurso das *crianças coitadinhas*.

Agora aparece um outro grupo, constituído por dois ou três jovens que vão de porta em porta dizendo-se da Casa do Gaiato. Este grupo já foi notado na zona de Belém — Algés, na zona da Portela — Bobadela e na zona de S. Domingos de Benfica. Depois as pessoas dão-nos conta porque, com a cabeça fresca, se aperceberam do conto do vigário.

Não sei quantas vezes ainda teremos de voltar a desmentir todos os peditórios de rua. Nós não fazemos, não damos autorização que se façam. Creio que bastaria as pessoas lerem o que escrevemos sobre a esmola dada na rua, para perceberem que não podemos aceitar peditórios desse género. Nestas coisas é difícil a gente passar a ser bom e deixar de ser bonzinho.

Padre Manuel Cristóvão